

Bakhtin, Rabelais e Bacurau: Carnavalização e o Grotesco no Cinema¹

Lana Krisna de Carvalho MORAIS ²

Isaltina Mello GOMES ³

Universidade Estadual do Piauí, Picos, PI.

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE.

RESUMO

Este artigo estuda as relações estabelecidas entre o filme Bacurau os elementos presentes na obra Rabelais, buscando analisar como ocorre a construção valorativa do Nordeste no filme, como a carnavalização e o grotesco se manifestam na obra cinematográfica? A partir da apropriação seletiva da obra de Mikhail Bakhtin sobre a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento, no contexto de Francois Rabelais, e análise do filme Bacurau, foi possível observar que o Nordeste é apresentado pelo viés de luta e resistência, a carnavalização e o grotesco se manifestam a partir da vida comum na praça pública, bem como através da guerra estabelecida com os forasteiros.

PALAVRAS-CHAVE: Bakhtin; Rabelais; Bacurau; Cinema; Nordeste.

INTRODUÇÃO

O sertão nordestino é simbólico, constituído a partir dos encontros estabelecidos entre culturas, povos, conflitos, ao longo do processo de organização social e colonização, através dos discursos estabelecidos na imprensa, literatura e cinema, das memórias insurgentes que resistiram ao esquecimento e foram resguardadas por gerações.

Ao longo dos anos inúmeros filmes foram produzidos retratando o Nordeste - seja sob a ótica de diretores nordestinos ou olhar estrangeiro – e assim estabeleceram signos no imaginário popular, que passa a enxergar o sertão nordestino como um espaço inóspito, de miséria, violento, marcado pelo coronelismo, messianismo, que sofre com a falta de chuvas, de solo rachado, paisagem desoladora, analfabetismo, sincretismo religioso, curandeirismo e ausência de progresso.

¹ Trabalho apresentado na DT 4- Comunicação Audiovisual do 23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte, realizado de 20 a 22 de junho de 2023.

² Professora da Universidade Estadual do Piauí, Mestre em Educação (UPE), aluna do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, email: lanakrisna.lm@gmail.com

³ Orientadora do trabalho: Professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFPE, isaltina.gomes@ufpe.br

Vale ressaltar que a ficção não tem compromisso com a realidade, ainda que se utilize de fatos e cenários reais para contextualização e ambientação dos produtos cinematográficos. Dessa forma, é necessário um olhar acurado para compreender que até nos discursos e conteúdos ancorados em percepções passadas sobre o Nordeste é possível encontrar críticas, ironias e reflexões sobre este território tão plural.

O filme Bacurau foi selecionado como objeto a ser estudado, visando analisar como ocorre a construção valorativa do Nordeste no filme. Problemática: como a carnavalização e o grotesco se manifestam no filme e seus significados? O percurso metodológico se valeu da apropriação seletiva da obra de Mikhail Bakhtin (1987) sobre a Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento, no contexto de François Rabelais, e análise de Bacurau (2019), dirigido por Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho, o interesse em relacionar a obra e o filme surgiu a partir dos debates realizados na disciplina Mídia e Pensamento Bakhtiniano, ministrada pela professora Dra. Isaltina Mello Gomes no PPGCOM – UFPE, em 2022.

1 ENTENDENDO RABELAIS SOB A ÓTICA DE BAKHTIN

A obra “Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento – o contexto de François Rabelais” de Mikhail Bakhtin foi lançada pela primeira vez em 1965, na Rússia, e desde então “se tornou referência nos estudos literários, principalmente àqueles que se dedicam à história do riso e à cultura popular” (DUARTE, 2008, p. 01).

Bakhtin (1987) ressalta a importância de Rabelais como representante da literatura capaz de salvaguardar a pluralidade da cultura popular e suas diversas manifestações, cuja profundidade é garantida justamente por ser inspirada em fontes populares, já que Rabelais era um escritor que transitava pelos mais diversos espaços, das praças, às feiras, boticas, da vida com os religiosos aos eventos boêmios estudantis.

Mesmo se tratando de um filme que apresenta ficção científica, aventura e drama, Bacurau é marcado por cenas repletas de humor, ironia, grosserias e manifestações populares, por isso, a tentativa de aproximar a obra cinematográfica e a análise rabelaisiana desenvolvida por Bakhtin, observando e decifrando como a cultura popular, presente nas imagens, compreensão da sátira à vida comum, às festas, morte, vida, especialmente ao desejo de renovação que aproxima as duas obras.

O dialogismo apresentado na relação entre morte e nascimento é representado a partir de imagens que se fundem e ao mesmo tempo se consagram, designando sentidos múltiplos, expressões que se mantêm vivas no linguajar popular e ao mesmo tempo conseguem conservar com marcas antigas e de ampla propagação. A obra rabelesiana é permeada por sistemas de degradações sob as mais diversas formas de expressão, pautadas em elementos cômicos do mundo, que exigem esforço redobrado ao longo do processo de decodificação, interpretação contextualizada e compreensão.

Guerreiro (2019) observa que, ao promover uma inversão ou libertação do mundo ou cultura oficial, a carnavalização permite que o humano se apresente dentro da história oficial, os reis são destronados e enxergados como homens, os diferentes se aproximam. “Um dos pontos fundamentais é o fato do carnaval ser responsável pela aproximação entre os homens, que na vida cotidiana permanecem afastados social e hierarquicamente” (GUERREIRO, 2019, p.161). O autor acrescenta que a carnavalização (aqui compreendida como a festa pública, os encontros e partilhas) pode ser notada com fortes raízes no cinema brasileiro. Nesse sentido, o interesse pela leitura do filme Bacurau a partir da ótica bakhtiniana e rabelaisiana ocorre na tentativa de alinhar universos que ao mesmo tempo são distintos e semelhantes.

2 BACURAU: A CARNAVALIZAÇÃO E O GROTESCO

Pensar o sertão nordestino a partir das telas de cinema é atravessar a transdisciplinariedade por meio da produção audiovisual, capaz de abrigar temas como direitos sociais, comunicação, signos, justiça, manifestações culturais, história, organização socioespacial, entre outros. Historicamente, o cinema feito no Nordeste e sobre o Nordeste esteve marcado pela construção e fortalecimento de signos de nordestinidade, entre eles a miséria, a seca, a violência, o messianismo, o coronelismo, a injustiça, a masculinização da mulher forte, o analfabetismo e outros tantos.

Bacurau torna-se emblemático e problematizador quando apresenta estes signos e ao mesmo tempo os nega. O sertão foi representado no tempo verde e com a presença de chuva, manifestando a força e vida da caatinga, vegetação específica do semiárido brasileiro, capaz de aparentar estar morta no período não chuvoso, como estratégia de manutenção das reservas de água, mostrando-se forte e imponente no período chuvoso. Mesmo com a presença de pobreza, estrada com buracos, falta de acesso à água, ou à

educação e saúde de qualidade, estes signos são relacionados à ação do governante local, o prefeito, e não às condições naturais do Nordeste, como se viu por muito tempo nas produções cinematográficas que atrelavam os desafios vividos pelos nordestinos às condições naturais do território, em outras palavras, a pobreza era associada à falta de chuva e não à ausência de políticas públicas contextualizadas à realidade local.

A carnavalização presente na obra cinematográfica se manifesta a partir dos encontros na praça pública para assistir aos melhores momentos dos assaltos do personagem Pacote, na feira, com a presença do prostíbulo móvel e das rodas de capoeiras que acontecem ao mesmo tempo, com a manifestação livre da linguagem não oficial e a exposição do baixo corporal. Essas manifestações transitam na liberdade, rompendo as couraças dos padrões morais estabelecidos pela elite.

O grotesco se manifesta através dos insultos, xingamentos, grosserias, da exposição dos corpos que se decompõe e ao mesmo tempo geram vida para outras espécies. Bakthin (1987) recorda que é necessário acontecer o processo de degradação para que a vida seja renovada, utilizando a metáfora do filme, a renovação e o renascimento de uma nova Bacurau ocorrem justamente com a eliminação dos forasteiros e do prefeito, que se enxergam como sublimes ou superiores, mas são decapitados, enterrado vivo e lançado à caatinga para sofrer até morrer, aponta que na obra rabelesiana, os golpes ao mundo velho ajudam nascer o novo mundo, muito além da violência explícita, a construção valorativa do sertão ocorre a través da resistência e renovação, com a chegada de novos tempos, longe da opressão e exploração estrangeira.

Os destronamentos se manifestam em três momentos: o primeiro com a morte e sátira aos brasileiros sulistas, que se consideram superiores aos brasileiros de Bacurau por pertencerem a uma “região rica, com colônias alemãs e italianas”, a morte representa o destronamento da xenofobia, tão presente contra a população das regiões Norte e Nordeste; o segundo destronamento ocorre com a decapitação de quase todos os forasteiros do exterior e a exposição das cabeças na calçada da igreja. A cena também é uma paródia da morte de Lampião e seu bando, no entanto, representada o contrário, com a morte dos opressores; o terceiro se dá com o espancamento e humilhação do prefeito Tony Júnior, que se considera superior a ponto de negociar as vidas da população de Bacurau com atiradores que pleiteiam um jogo macabro. O ponto alto ocorre quando o prefeito é colocado seminú, amarrado e encapuzado sobre um jumento,

ao som de xingamentos por todos os males que provocou à comunidade, o jumento segue para dentro da mata, repleta de cactos com espinhos e plantas provocam alergias na pele.

3 CONSIDERAÇÕES

Em Bacurau há uma dualidade na apresentação dos signos: os meios de transporte são precários e contam com dispositivos tecnológicos, a estrutura da escola é problemática, mas dispõe de equipamentos de ponta e a melhor biblioteca da região (tudo isso por iniciativa dos moradores locais), o prefeito atua como um coronel dos dias atuais, com práticas assistencialistas e ações que prejudicam a comunidade, mas o povo de Bacurau não se rende e o combate em todas as instâncias.

Nesse sentido, a construção valorativa do Nordeste se dá por meio da luta, astúcia, violência justificada pela justiça com as próprias mãos e vingança como forma de resistência à opressão. Vale salientar que a opressão assume sentido mais amplo do que aquele apresentado no filme (por parte do prefeito e dos forasteiros), nas entrelinhas há uma luta simbólica contra o processo de aculturação e neocolonialismo.

Mesmo se tratando de obras distintas, pensadas e produzidas em contextos históricos diferentes, existe muito de Rabelais em Bacurau, essa percepção só foi possível a partir da leitura de Bakhtin, que permitiu enxergar a complexidade das relações com base na interpretação das imagens, compreensão da sátira à vida comum, às festas, morte, vida, especialmente ao desejo de renovação.

REFERÊNCIAS

BACURAU. Dirigido por Juliano Dornelles e Kleber Mendonça Filho. Produzido por Emilie Lesclaux, Said Ben Said e Michel Merkt. Brasil/França: **Globo Filmes**, 2019. Disponível na Globoplay.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de Francois Rabelais**. São Paulo: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

DUARTE, André Luis Bertelli. **Cultura popular na idade média e no Renascimento: revisitando um clássico**. Fênix – Revista de História e Estudos Culturais Abril/ Maio/ Junho de 2008. Vol. 5. Ano V nº 2. Disponível em: <
<https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/59/53>> Acessado em: 28 de dezembro de 2022.

GUERREIRO, A. S. A carnavalização no cinema: uma abordagem a partir do ideário bakhtiniano. **Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática**, [S. l.], v. 18, n.



INTERCOM Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação
23º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – Campina Grande/PB – 20 a 22/06/2023

38, 2019. DOI: 10.5902/2175497735176. Disponível em:
<<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/35176>>. Acesso em: 15 jan. 2023.